

Reflexões

Vó Lucia e Olga: uma crônica pessoal

*Gastão de Freitas Neto
Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

Ao compartilhar minhas impressões sobre o livro “Vá aonde seu coração mandar”, de Susanna Tamaro (1998), estabeleci paralelos com a minha família. Moro com minha avó materna, vó Lucia, 91 anos, desde pequeno e temos uma proximidade grande. Em minha opinião ela está muito bem física e mentalmente, e seus exames de sangue apresentam resultados melhores que os meus, aos 30 anos, e a disposição para o convívio social continua intenso.



A autora do livro aborda a história de uma avó, Olga, que relata sua vida à neta que criou e, recentemente, dela se afastou. O livro não é autobiográfico, mas a escritora também cresceu com a avó materna após a separação dos pais. Olga e vó Lucia serão semelhantes?

Descreverei pensamentos e aspectos que caracterizam a personagem Olga, para então apresentar a convivência que mantenho com minha avó. Desse exercício comparativo, pretendo compartilhar inquietações pessoais que podem ajudar na reflexão sobre práticas intergeracionais.

Apresentando a personagem Olga

Olga é apresentada como uma pessoa solitária e tem como companhia um cachorro, e relata lembranças da sua vida. Muda e solitária como um peixe em sua redoma de cristal, como se define.

Órfã? É assim que se diz quando morre uma avó? Não tenho certeza. Se calhar, os avós são considerados tão acessórios que não exigem um termo que especifique a sua perda. Dos avós não se é órfão nem viúvo. De uma forma natural, deixam-nos pelo caminho, como por distração, deixam ficar [...] os guarda-chuvas (TAMARO, 1998, p. 11).

Durante a leitura percebemos que a personagem quer acertar contas com o passado e, também, propiciar à neta reflexões sobre os caminhos, experiências e escolhas que fez. Segue um trecho ilustrativo desse movimento pessoal:

Não podemos fugir das mentiras, das falsidades. Ou melhor, podemos fugir durante algum tempo, mas quando você menos espera, lá vêm elas à tona de novo; já não são mais tão submissas como na hora em que as dissemos, aparentemente inofensivas, nada disso; durante o momentâneo afastamento, transformaram-se em monstros medonhos, em horrorosos ogros. (TAMARO, 1998, p. 53)

Olga fala sobre o respeito à condição humana, marcando a existência de um registro para além dos aspectos físicos aparentes:

[...] somos seres humanos, cada um de nós nasce com um rosto diferente dos demais, e esses rostos os levamos conosco pela vida afora. O antílope nasce com cara de antílope, o leão com cara de leão, são iguais, idênticos a todos os outros animais da mesma espécie. Na natureza, a aparência permanece sempre a mesma, ao passo que o rosto é algo que só o homem tem, mais ninguém [...] No rosto há tudo. Nele, há a sua história, seu pai, sua mãe, seus avôs e bisavôs, pode até haver um parente distante de quem já ninguém se lembre. Atrás do rosto há a personalidade, as coisas boas e as não tão boas que você recebeu dos antepassados. O rosto é nossa primeira identidade, aquilo que nos permite uma acomodação na vida, dizendo: aqui estou eu. (TAMARO, 1998, p. 74)

Ao abordar antigo provérbio, nos mobiliza sobre o exercício que é necessário para se compreender o outro:

Não faz muito tempo, em algum lugar de que não me lembro, li um provérbio dos índios americanos que afirma: Antes de julgar uma pessoa, passe três luas usando seus sapatos. Gostei tanto que, para não esquecê-lo, escrevi-o no caderninho ao lado do telefone. Exteriormente, muitas vidas podem parecer erradas, irracionais, loucas. Enquanto nos ativermos ao exterior, será fácil interpretar mal as pessoas e nosso relacionamento com elas. Apenas penetrando-as, apenas caminhando três luas com seus sapatos, poderemos compreender suas motivações, seus sentimentos, o que as leva a agir de um jeito, e não de outro. A compreensão nasce da humildade, não do orgulho de saber. (TAMARO, 1998, pp. 118-119)

As escolhas que se faz, nem sempre são racionais. Aprender os sentidos da vida, muitas vezes só se consegue após ter percorrido a estrada-vida. Assim a autora descreve essa passagem cronológica:

Quando a estrada às suas costas é mais longa daquela que tem pela frente, você vê uma coisa que não tinha visto antes: o caminho que percorreu não era reto, mas pleno de encruzilhadas, a cada passo havia uma flecha que indicava uma direção diversa, dali começava uma rua, de lá um atalho que se perdia nos bosques. Alguns desses desvios você penetrou sem notar, outros você nem mesmo viu; aquele que você ignorou não sabe onde teria levado, se em um lugar melhor ou pior: não sabe mas igualmente prova arrependimento. Poderia fazer uma coisa e não fez, tornou atrás ao invés de andar avante. (TAMARO, 1998, p. 130)

E em sua última carta à neta, Olga escreve o parágrafo que dá título ao livro:

E então, quando se abrirem vários caminhos e você não souber qual escolher, não tome um qualquer, tenha paciência e espere. Respire com a confiante profundidade com que respirou no dia em que veio ao mundo, não deixe que coisa alguma a distraia, espere e continue esperando. Fique parada, em silêncio, e ouça seu coração. Quando enfim ele falar, levante-se e vá aonde ele a quiser levar. (TAMARO, 1998, p. 136)

Apresentando a personagem da minha vida: Vó Lucia

Vó Lucia nunca foi uma pessoa sozinha, sempre próxima da família e amigos, uma mulher guerreira e dedicada a ajudar o próximo. Tem três filhos, sete netos e três bisnetos. Além dos filhos, praticamente, criou um casal de netos e um deles sou eu. Nunca morou sozinha, pois mesmo após o falecimento do meu avô, eu já estava morando com ela. Diferente de Olga, vó Lucia nunca precisou escrever lições de vida: nos passa, até hoje, ensinamentos tendo como base sua experiência.

Com o passar dos anos, e com meu amadurecimento, percebi que minha avó continua a cuidar de mim, mas agora também precisa de cuidados. Refleti sobre isso a partir do momento que identifiquei atitudes que não eram condizentes com a maneira educada como agia normalmente. Exemplifico: usava as mesmas roupas, deixando outras novas e mais bonitas, guardadas. Como conheço o seu armário, passei a lembrá-la dessas vestes e a incentivá-la a usá-las, recordando-a dos elogios que recebe quando está trajada com elas.

Nesse momento, imaginei que teria o apoio de outros familiares próximos, mas me surpreendi ao ouvir: “Deixa usar o que quiser, está na casa dela!”. Não concordei e continuo não concordando, não quero que minha avó fique marcada por um descuido com a própria aparência, já que sempre foi uma mulher ciosa com a apresentação.

O mesmo aconteceu quando, em um jantar de família, minha avó conversando com a irmã dela, de 89 anos, adotou um tom de voz grosseiro, desnecessário à ocasião. Nesse momento eu, sentado à sua frente, olhei-a fixamente e gesticulei, sinalizando que algo estava inadequado. Logo após, uma parenta distante, que estava ao meu lado, percebeu minha atitude e disse: “Deixa ela falar o que ela quiser, ‘tadinha’, ela pode tudo, tem 90 anos...”.

Nesse momento externei o que penso: o fato da pessoa ser idosa não lhe dá o direito de ser mal educada ou grosseira. Como sei que esse não é o jeito da minha avó, acredito que devo alertá-la e, se necessário, me desculpar pela forma como ela falou. Entendo que ela não é sempre tão lúcida como antes, mas esse fato não lhe dá o direito de fazer e falar o que quiser, principalmente se desqualifica o outro, podendo gerar atitudes rudes em relação a ela mesma.

Sinto-me na obrigação de alertá-la, questioná-la, corrigi-la, ensiná-la, pois foi isso que fez comigo, tento como objetivo o meu sucesso. Da mesma maneira, desejo preservá-la na relação com os demais, mesmo que já não seja a mesma vó Lucia.

Ouçó também: “Deixa ela ficar falando sozinha, coitada, já não entende muita coisa”, ou “Por que você a está questionando? Deixa ela em paz!”. Se quero o melhor para uma pessoa que gosto, não devo apontar o estranhamento que dados comportamentos e/ou falas criam?

Tenho como hipótese que essa intensa interação que mantemos é um dos motivos de estar mentalmente preservada, e a idade avançada não é um diferencial para tratá-la de maneira especial. Concordo que fisicamente há limitações, comuns a quem vive muito, no mais acredito que mereça ser tratada com educação e respeito, como todas as pessoas devem sê-lo ao interagir.

O último enfrentamento que tivemos foi em relação ao estilo de cabelo que pretende adotar. Nos últimos anos, ela tingia os cabelos mensalmente, fazia escova, e dependendo da ocasião marcava horário no salão para pentear os cabelos antes de ir a alguma festa.

Sem motivo aparente, decidi deixar os cabelos descoloridos para poder fazer permanente com uma vizinha cabeleireira, que já realiza esse trabalho na casa de outras senhoras. No mesmo momento alertei-a que a química utilizada nesse procedimento é conhecidamente forte e que seus fios de cabelo são muito frágeis. Até o momento não consegui fazer com que desistisse de tal procedimento, com pouco o apoio familiar, pois a maioria acha que ela deve fazer o que quiser independente das consequências.

Decididamente, Olga e vó Lucia, são diferentes

Voltando a personagem Olga, me questiono se as oportunidades de interação que minha avó tem, não poderiam introduzir um cotidiano menos depressivo na vida da personagem. O desejo de contribuir para o sucesso dos netos é

comum a Olga e Lucia. No entanto, o saudável confronto intergeracional não introduz desafios e provocações, no dia-a-dia da primeira, afinal a neta se foi e o diálogo introspectivo – através da escrita de um livro -, talvez não seja suficiente para estimulá-la.

Tanto Olga, como vó Lucia tem nos netos um foco especial que mantém um sentido para suas existências. Seria esse um elemento suficiente para uma velhice preservada, do ponto de vista das relações sociais? Ter testemunhos vivos, realmente resulta em maiores possibilidades para a construção de um processo de longevidade incluso?

Referências

TAMARO, S. *Vá aonde seu coração mandar*. Editora Rocco, São Paulo, 1998.

Data de recebimento: 08/10/2016; Data de aceite: 25/11/2016.

Gastão de Freitas Neto - Mestrando em Gerontologia Social (PUC-SP). Graduação em Ciências Contábeis - Trevisan Escola Superior de Negócios (2010) e em Administração - Faculdades Integradas Rio Branco (2007). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: exercícios de memória, novas tecnologias, smartphone, velhice e tablet. E-mail: gastaofreitas@me.com

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Psicologia (PUCSP), mestrado em Psicologia Social (PUCSP) e doutorado em Saúde Pública (USP), professora do Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia-PUCSP. E-mail: ruthgclopes@pucsp.br